



Arte[®] na Escola

mural



Participação no Arte na Escola é diferencial

Pesquisa realizada pelo IAE mostra que alunos de escolas com professores nos grupos de estudos têm melhor desempenho em Português e Matemática.



Avaliar em Artes é possível?

Tema de debate frequente, a avaliação é defendida, criticada e analisada por arte-educadores.



Terminamos o ano de 2011 com uma grande satisfação: a pesquisa que fizemos numa amostra de dez polos Arte na Escola, analisando as escolas de 91 professores ligados aos Grupos de Estudo mantidos por nossas universidades parceiras, traz resultados inequívocos. As escolas que participam do ARTE na ESCOLA tiveram um desempenho melhor em Português e Matemática, controlados todos os indicadores que poderiam afetar esta performance.

Como é que se explica isto? Nos sistemas de ensino mais modernos do mundo a existência de grupos de estudo para os professores é uma constante. Oferecendo uma oportunidade ímpar de troca de conhecimentos, supervisão sobre a prática didática, apoio mútuo e aprendizado inter-pares, esta prática que o ARTE na ESCOLA adotou há décadas tem consistentemente revelado resultados promissores.

Tempo de continuar, olhar para trás e aprender com a experiência e as evidências colhidas ao longo do caminho. E continuar refletindo em busca de uma Educação melhor para todos.

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe, Helânia Cunha de Sousa Cardoso, Erinaldo Alves do Nascimento, Sílvia Sell Duarte Pillotto

Editora

Juliana Mantovani

Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB 20.168/SP

Redação

Fábio Galvão, Cecília Galvão e Raquel Zardetto (CGC Educação)

Projeto Gráfico Zozí

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e opiniões para este informativo devem ser enviadas para:

Instituto Arte na Escola;
Alameda Tietê, 618 – casa 3
CEP 01417-020, São Paulo, SP
Fone (11) 3103.8080
contato@artenaescola.org.br

O que o motivou a buscar formação continuada em um Polo da Rede Arte na Escola? O que isso impactou na sua prática em sala de aula?

Estou sempre em busca de aprender cada vez mais e a formação continuada é uma maneira de atualizar-se e enriquecer nossos saberes. Fui buscar no Polo Arte na Escola essa formação, pois por meio do material que oferece, percebi a presença de boas reflexões e do espírito crítico e criativo que buscamos desenvolver nos nossos alunos. Há também uma boa fonte de pesquisa, com livros, artigos, fóruns de discussões que são realmente motivadores. É pela experiência cotidiana com os alunos que desenvolvemos nossa habilidade de ensinar. Mas o professor precisa de subsídios que o auxiliem nessa construção da ação docente. O material pedagógico sugerido pela Rede me ajudou muito na elaboração das minhas aulas, por incentivar o ensino da arte de forma crítica, criativa e reflexiva. Outro subsídio é o empenho do professor na busca de aperfeiçoamentos constantes na sua carreira. E nisso a Rede colabora, proporcionando espaço de trocas e pesquisas interessantes para a formação continuada.

Camila Pompeu da Silva / Curitiba –PR

Eu sentia necessidade de conversar com outros professores para trocar experiências. Hoje o professor não pode apenas ficar restrito à sala de aula. Como trabalhamos apenas com sistemas apostilados, comecei a procurar outros repertórios. Nos grupos de estudo eu pude conhecer melhor e me aprofundar no material da DVDteca. Com os vídeos, os alunos ficaram mais próximos dos artistas e conheceram suas experimentações. Eles gostaram tanto que muitos também querem ter a DVDteca. É interessante que os vídeos e o material de apoio não são fechados como as apostilas. Eles abrem caminhos para outras possibilidades e idéias.

Elissângela Ferreira Leite / Mongaguá SP

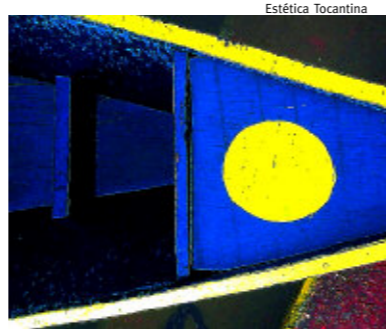
O que me motivou a buscar a formação continuada no Polo Arte na Escola na Unesp, em Bauru, foi perceber que apenas a formação adquirida na mesma universidade não daria conta, diante de tantas descobertas. Outro fator foi o fato das reuniões serem mediadas pelas professoras Maria Luiza Calim de Carvalho Costa e Guiomar Josefina Biondo (fui aluna de ambas na graduação), profissionais com experiência de sala de aula na rede pública e com excelente nível de pesquisa. A experiência de ambas motiva reflexões de excelente nível. O impacto causado foi enorme em minha prática docente. Tornei-me uma professora pesquisadora, que investiga a Arte, sua história e suas relações com a aprendizagem. As reuniões também possibilitam o acesso dos professores da rede pública a um material áudio-visual de extrema qualidade: a DVDteca, que possibilita a quebra de paradigmas, como a da figura do artista como um ser distante, alguém mágico e com um dom especial.

Renata Maris Munhoz / Bauru – SP

ILUSTRADOR CONVIDADO

Alixa

Ilustram esta edição imagens de obras do artista e professor Alexandre Silva dos Santos Filho (Alix), coordenador do Polo da Universidade Federal do Pará (UFPA).



Estética Tocantina

É possível avaliar a aprendizagem em Arte?

A avaliação da aprendizagem do aluno é realizada em todos os componentes curriculares, mas nas Artes torna-se tema de debate. Alguns acreditam ser possível, por esta compreender também uma área do conhecimento, outros não, devido à sua subjetividade. Dois arte-educadores defendem seus pontos de vista.

SIM > A avaliação é parte integrante da vida humana e de forma natural está, também, a serviço da educação no ajuizamento do aluno, do professor, da escola, do sistema de ensino, da própria avaliação e na soma de muitos outros fatores. Na escola, podemos empregar conceitos, acompanhar e registrar o desenvolvimento infantil, não emitir notas, não mensurar, mas avaliar é, também, responsabilidade e papel inerente ao professor! Ensinar, aprender e avaliar são partes de um mesmo todo que “exige compromisso político e competência técnica”, como nos diz a professora Onilza Martins¹.

Sendo a arte um campo do conhecimento, fato que nos equipara a qualquer outra área, e se todos os saberes são passíveis de ser avaliados, desconsiderar sua validade não nos deixaria a quem na equiparação às outras disciplinas? Não podemos esquecer o caminho percorrido para que a disciplina de Arte conquistasse o seu lugar no sistema educacional.

Se entendermos que o Projeto Político Pedagógico é a matriz para o planejamento, e se este por sua vez vai determinar o ensinar, aprender e avaliar, pode parecer simples idealizar que a avaliação não envolve complexidade e problemáticas. Ledo engano! Não existem soluções únicas, e o processo de avaliação deveria ser dinâmico e multifocal, pois sofre alterações o tempo todo. Cada momento é peculiar e requer abordagens e encaminhamentos específicos, em particular no ensino da arte.

Compartilho com Both² a visão positiva que a avaliação educacional aproxima experiências de aprendizagem, auxilia o desenvolvimento humano, a qualidade de vida, a autoestima, a valorização de iniciativas entre as pessoas e diria, ainda, que constitui uma oportunidade de superação e de sucesso. Assim, é um processo que sistematiza o saber e suas práticas e, portanto, é possível, útil, viável e deve ser permeado pela ética, justiça e transparência, e como tal demanda muito trabalho.

Mais do que questionar o ato de avaliar em arte, acredito que tenhamos que construir outros caminhos para desenvolver uma postura formativa. Em outros termos, estar em constante observação para otimizar a aprendizagem e o progresso dos alunos, exercitando a escuta, a paciência para repetir inúmeras vezes a consigna, esclarecer, transformar conteúdos em conhecimentos significativos, por vezes, superando a própria matriz pedagógica e os modelos vividos, vícios, modismos e os nossos próprios valores como avaliadores. São premissas para o avanço desse processo, estabelecer critérios coerentes e de relevância que busquem a objetividade, mesmo sabendo que nunca vamos encontrá-la totalmente; valorizar mais as possibilidades, as potencialidades do que as limitações dos alunos buscando, sem imposição, a sua participação; empregar instrumentos diversos e adequados a cada conteúdo. Tudo isso pode nos auxiliar a criar uma visão sistêmica da prática avaliadora. De resto, é importante ampliar a perspectiva teórica, estudar, discutir, experimentar novas práticas, participar de oficinas e partilhar as experiências com as diferentes instâncias escolares e saborear os resultados.

Marília Diaz, co-autora do livro A Avaliação em Artes Visuais no Ensino Fundamental, publicada pela Editora UFPR – SEB/MEC

NÃO > Se correr o bicho pega se ficar o bicho come: avaliar é cumprir a injustiça, não avaliar, é não cumprir o papel de professor.

Quatro fatores que a meu ver impossibilitam a avaliação em arte: a anulação da subjetividade na linguagem; as diferenças trazidas de fora da escola; a formação dos professores e a realidade de nossa educação.

Freud diz ser impossível o governo, a psicanálise e a educação³. O governante pavimenta a rua, faz uma moradora feliz e enfurece o vizinho; o psicanalista ouve o psicanalisado, mas entende coisa diferente do que foi dito. Em nosso caso, o que propomos não é o que o aluno entende e nossa compreensão da resposta não coincide com o que ele pensou dizer. Enfim, nos três casos as subjetividades filtram as informações em outras. Como avaliar assim?

Acreditarei ser possível avaliar objetivamente em arte se suspender dos indivíduos o que eles trazem de fora da escola e estrutura seu sistema de percepção e linguagem, sua condição “de classe de chegada”, “capital cultural” que teve acesso, e sua posição na hierarquia econômica e social⁴. O sucesso do aluno vem favorecido, ou não, pela herança cultural e não pelo aprendizado na escola.

As graduações favorecem o gosto culto e o status quo, as licenciaturas querem bacharelar, a tendência para formar artistas míngua a reflexão sobre a docência. A situação da educação pública: alunos e horas/atividade são equivalentes? A avaliação criteriosa de tantos trabalhos não vem do esmero ou da qualidade do trabalho do professor, mas do uso de seu tempo livre. Avaliar 800 alunos retira do professor seu tempo a ser empregue no estudo e em suas outras identidades.

Luciano Buchmann, coordenador do Polo FAP - Faculdade de Artes do Paraná e crítico da avaliação em Arte.

¹ CASTILLO ARREDONDO, Santiago; CABRERIZO DIAGO, Jesús. Avaliação educacional e promoção escolar. Pref. Onilza Martins. Curitiba: Ibpx; São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p.vii.
² BOTH, Ivo José. Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. Curitiba: Ibpx, 2008.

³ FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 15).

⁴ RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 74.



Professores em produção no curso de Formação em Arte-educação

Avaliação no ensino de Artes Visuais resultados de uma pesquisa

Durante os anos de 2008 e 2010 realizamos uma pesquisa sobre a avaliação no ensino de Artes Visuais, buscando compreender e aprofundar conhecimentos sobre estes processos.

4

» Nosso objetivo era identificar conceitos e práticas de avaliação no cotidiano dos educadores do Ensino Fundamental, que investiam em formação continuada e trabalhavam simultaneamente em escolas Municipais e Estaduais, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A escolha por este grupo derivou da crença de que tais professores, estando em constante estudo, teriam maior proximidade com os conceitos contemporâneos do ensino de Arte. A característica de trabalharem ao mesmo tempo nas duas redes públicas de ensino levou em consideração que na maioria das escolas municipais não há a atribuição de notas na disciplina Arte e na rede estadual, em geral, sim. Para a efetivação da pesquisa, optamos por realizar dois questionários em momentos diferentes, totalizando 69 respondidos, entrevistas com seis professores e a observação, durante três meses, da prática pedagógica de uma educadora em duas escolas: uma municipal e outra estadual, em turmas de 3º, 7º e 9º anos. Durante a investigação, ficou claro que as diferenças entre o ensino de Arte praticado nas duas redes públicas vão muito além da atribuição de notas, apesar de os profissionais serem os mesmos. Na rede estadual, as aulas de Arte acontecem somente em uma série de cada nível, com uma hora/aula semanal, prejudicando toda a prática pedagógica. Na rede municipal, as aulas vão da Educação Infantil ao 9º ano de Ensino Fundamental, em todas as séries. Desse modo, a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa concordaram que os resultados deveriam levar em conta o ensino de Arte realizado na rede municipal, por ser mais efetivo, coerente e atuante.

Os professores que responderam aos questionários e nos concederam entrevistas demonstraram que avaliam por meio de critérios diferenciados (manuseio de materiais, concentração, dedicação, interação com os colegas, interesses e reações diante de suas produções, curiosidade, capacidade de propor soluções próprias, nível de conhecimento, envolvimento, comparação e processo criativo) e de instrumentos diversificados (relatórios orais e escritos, leitura das imagens produzidas pelos alunos, anotações do professor, registros fotográficos, caderno de desenho, avaliações escritas), em vários momentos da prática pedagógica (ao final de cada aula, durante as etapas do processo de ensino-aprendizagem, a cada exercício, ao final do ano letivo). Como exemplo da avaliação formativa realizada pelos professores, relatamos o trabalho da professora Rubi (nome fictício) na 2ª série (3º ano) de uma escola municipal, com dois horários geminados de aula. A educadora estava, há dois meses, abordando em sala a construção de esculturas em diferentes materiais. Então, optou por trabalhar com caixas de linhas recortadas e coloridas. Para isto, começou fazendo uma leitura das imagens de um livro e depois mostrou uma escultura. Nesse momento ela já iniciou a avaliação dos conhecimentos que os alunos haviam assimilado, como técnicas, materialidade e o conceito de escultura. Depois, pediu aos estudantes que comessem a trabalhar. Durante a execução da escultura ela ia de carteira em carteira conversar com os alunos, questionando o modo de construir. Alguns chamavam por ela

mais de uma vez ou iam ao seu encontro com as peças em mãos. Ela anotava algumas questões no caderno de plano. Quando todos terminaram a execução, colocou as esculturas em três mesas na frente da sala, pediu que eles viessem observá-las e estimulou aqueles que quisessem fazer a leitura das esculturas a irem à frente se apresentarem, um por um. Quatro alunos se propuseram a falar sobre o trabalho que realizaram e a professora fez questionamentos, a partir do que havia registrado durante a execução. A cada aula, ela costuma incentivar outros alunos a fazerem as leituras das imagens, podendo desse modo avaliá-los no decorrer do bimestre. A partir da análise das aulas da professora Rubi, dos questionários, das entrevistas e dos textos produzidos pelos educadores, compreendemos que os professores de Arte, que foram sujeitos dessa pesquisa, praticam avaliações formativas. Chegamos a essa conclusão levando em consideração que avaliam durante o todo o processo de ensino-aprendizagem, buscam formas diferenciadas de avaliar, apresentam aos seus alunos os critérios com os quais estão sendo avaliados, entendem a avaliação como momento de aprendizagem e se dispõem a aprender com os resultados que a avaliação produz. «

Eliane de Fátima Vieira Tinoco - Possui graduação em Educação Artística - hab. Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (1989). É Mestre em Educação pela mesma Universidade com a pesquisa: Avaliação no Ensino de Artes: os saberes e as práticas de professores do Ensino Fundamental. Coordenadora geral do Polo UFU – Universidade Federal de Uberlândia.

5



Varal

6

7

Português + Matemática = Artes

» Qual é o impacto do Projeto Arte na Escola no desempenho escolar dos estudantes brasileiros?

Para tentar descobrir a resposta (ou as respostas) para esta pergunta, o Instituto Arte na Escola, em parceria com a Qualificados, concluiu no primeiro semestre de 2011 uma extensa pesquisa junto à Rede Arte na Escola em todo o Brasil.

A pesquisa cruzou os dados da Prova Brasil de 2007 dos alunos da 8ª série nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, das escolas públicas onde há e onde não há um professor vinculado ao Projeto Arte na Escola. O resultado? Tanto em Matemática quanto em Língua Portuguesa o desempenho dos estudantes é melhor nas escolas com professores que fazem a formação continuada nos Polos do Arte na Escola.

Em Matemática o acréscimo na nota é de 7,7 pontos (em média) e em Língua Portuguesa, a nota é 3,6 pontos maior (em média). Esta nota tem como base a escala Saeb250, que representa, em pontos, a proficiência média dos alunos no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

Hierarquia

A metodologia utilizada no trabalho foi o Modelo Linear Hierárquico, pela qual é possível controlar e, assim, compreender as principais variáveis do aluno e da escola, além do fato de participar ou não do Arte na Escola, que interfere no desempenho escolar.

Para o cálculo, variáveis como sexo, cor, defasagem série/idade, classe socioeconômica, anos de estudo da mãe, número de livros no domicílio e grau de incentivo dos pais para estudar têm seus efeitos controlados. Também foram controlados aspectos relativos aos professores e diretores das escolas, como idade e salário do diretor e percentual de professores estáveis, entre outras. Assim, na análise, leva-se em consideração apenas a influência da escola para o aprendizado do aluno.

Ao controlar os efeitos externos, fixando o perfil do aluno e comparando apenas as escolas polo x esco-

las não polo, o resultado da pesquisa mostra que os estudantes ligados ao Projeto Arte na Escola apresentam notas melhores daqueles das escolas que não possuem professores participantes dos grupos de formação continuada.

A consultora da pesquisa, Maria Paula Ferreira, chama a atenção para outro resultado que reforça a tendência. As escolas polos apresentam maior percentual de professores estáveis e de professores de Língua Portuguesa e Matemática com cursos de especialização e/ou pós-graduação. "Uma suposição que temos é que as escolas cujos professores são mais qualificados buscam participar do Projeto Arte na Escola, enquanto as demais não participam do projeto", afirma.

Arte na Escola é diferencial

A pesquisa constata uma melhora na nota dos alunos com professores que fazem cursos nos Polos do Arte na Escola, mas pondera que não é possível, apenas por esses resultados, afirmar que o programa, sozinho, influi no desempenho dos alunos, principalmente porque os dados não são comparados com anos anteriores. "O que pode ser afirmado é que em escolas em que os alunos apresentam perfis socioeconômicos similares e professores e diretores com características semelhantes, o fato do professor de Arte participar do Arte na Escola é um diferencial no que tange ao desempenho escolar", conclui o estudo.

No total, foram pesquisados 189.414 alunos de 1.953 escolas. Destes, 13.063 estudam em 150 escolas com professores participantes do Projeto Arte na Escola. O trabalho atingiu 50 municípios de seis Estados – Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Disciplinas sem fronteiras

As coordenadoras e professoras dos Pólos da Rede Arte na Escola concordam com o resultado da pes- »»

»» quisa e destacam que o ensino de Artes tem influência no desempenho escolar dos alunos. Por não ter fronteiras, ser multicultural e interdisciplinar, a disciplina de Artes sempre forma alunos mais reflexivos, sensíveis, observadores e pesquisadores. São habilidades e competências intrínsecas ao pensamento lógico e à comunicação oral e escrita.

Na opinião de Solange Utuari, coordenadora do Polo da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), em São Paulo, "a arte tem conexão com todas as disciplinas, garante inteligência múltipla e ajuda o aluno ler o mundo".

A coordenadora do Polo da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Sinara Boone, destaca que "conhecer e experienciar a arte amplia e promove significativamente a educação como um todo, pois auxilia o indivíduo a pensar sobre o seu estar no mundo por meio da compreensão das produções artísticas em seus diferentes contextos".

Helânia Cardoso, que coordena o Polo do Centro Universitário de Pato de Minas (Unipam), em Minas Gerais, acredita que "as linguagens artísticas exploram o potencial criativo do ser humano, a capacidade de concentração, de disciplina e de raciocínio lógico. Desse modo, o aluno tem prazer em aprender".

Curiosidade

A professora Maria José Holner, da escola estadual Professor Adolpho Pluskat, em São Paulo, tem uma visão particular do ensino de Artes. "Arte pra mim não é uma disciplina curricular e sim um instrumento que utilizo para estimular a curiosidade e o espírito de criação do meu aluno".

Na concepção da professora Maira Paludo, da escola municipal São Vicente, em Caxias do Sul, um bom aprendizado de Artes não ajuda apenas no desempenho de Matemática e Português. "A arte está em todos os lugares, seja em textos, em números, na história ou geografia; sempre me vejo envolvida e fazendo parte de outras disciplinas, pois arte é conhecimento".

Maria Olímpia, que leciona em escolas municipais e estaduais em Pato de Minas e coordena grupos de estudo no Polo da Unipam, pensa que o "aluno que estuda arte tem uma condição maior de reflexão, adquire uma visão de mundo para questões sociais e políticas, é um ser mais sensível".

Para Maria de Fátima Basílio, da escola estadual Professora Inês Brega Cordeiro, em São Paulo, "um bom aprendizado de Artes leva à ampliação do olhar, a uma percepção maior, o que resulta em melhor entendimento das diversas disciplinas".

Conversar

A importância do professor de artes conversar e trocar experiências com os colegas de outras disciplinas também é apontada como elemento vital para o aluno ter um aprendizado global e integral.

Maria Olímpia, de Pato de Minas, conta que tem trabalhado em sala de aula o teatro conectado com a Matemática e a Língua Portuguesa. "O teatro trabalha a geometria, a oralidade, contos e textos dramáticos", afirma. Segundo ela, é "preciso desenvolver mecanismos para que os outros professores entendam que a arte ajuda no aprendizado das outras matérias".

Maria José Holner, de São Paulo, relata que muitas vezes toma a iniciativa de mediar com os colegas a disciplina de Artes. "Mesmo que a escola não contemple um projeto pedagógico anual e a disciplina de Artes fique solta, procuro mediar com as demais disciplinas, objetivando que o educando reinvente cada situação e desenvolva cada vez mais suas inteligências", diz.

Os educadores chamam a atenção também para o fato de o professor de Artes procurar se interessar pelas outras disciplinas. "Em 2010 fiz um curso de metodologia da matemática com foco em alunos do Fundamental I e decidi fazer um experimento: voluntariamente recorri a obras do abstracionismo geométrico de Piet Mondrian e a »»



Mural Xinguará

» jogos", revela Maria de Fátima Basílio, de São Paulo. Segundo ela, a experiência permitiu aos alunos uma visão mais abrangente sobre percepção de formas e proporções, além da compreensão de simetria e assimetria.

Maira Paludo, de Caxias do Sul, frisa a necessidade de união de esforços dos professores em prol do aprendizado do aluno. "O importante é rever como se dá cada conteúdo. Cada professor pensa individualmente num esquema de fazer seu trabalho. O ideal seria cada professor ajudar a refinar os métodos do outro e se beneficiar na sua prática", ensina. Ela dá como exemplo "trabalhar na Matemática o retângulo áureo abordando o artista contemporâneo Petrovic".

Comunidade

As coordenadoras dos Polos da Rede Arte na Escola comentam que o professor precisa aliar o conteúdo com a metodologia de ensino, sempre com a preocupação de assegurar um aprendizado prazeroso e com bons resultados. Além disso, o próprio Polo deve ser um espaço para disseminar a cultura na comunidade.

Solange Utuari conta que tem feito vários debates e eventos no Polo da Unicsul e os resultados estão aparecendo. "Fizemos um encontro presencial com os autores das propostas pedagógicas e mais de 200 professores participaram; nem a secretaria faz isso, eles fazem encontros virtuais", ressalta. Na opinião dela, o "professor tem que ser também um mediador cultural, promover eventos, potencializar o acervo da escola e transformar o Polo em um espaço cultural e comunitário".

Sinara Boone acredita que os professores que participam das ações e grupos de estudo do Polo da UCS sempre revelam melhores resultados. "O Polo oportuniza reflexões a partir das próprias observações e dificuldades que os professores encontram no seu dia a dia", diz. Ela enfatiza que o Polo incentiva o professor a se especializar. "O Polo UCS promove

ações de formação continuada e sempre mostra possibilidades para os professores tornarem-se agentes autônomos da sua evolução profissional. A participação é voluntária e gratuita e, quem está lá, está consciente da sua autonomia", afirma.

Parcerias

Aprofundar a parceria do Polo com a universidade e aproximar o poder público da academia são apontados por Helânia Cardoso como essenciais para uma valorização do professor e conseqüente aprendizado do aluno. "A Unipam oferece cursos de especialização e ajuda de custo. Além disso, a Secretaria Municipal de Educação promove o professor que dá continuidade aos estudos, por meio do plano de carreira. Existe uma política de valorização do profissional nessa perspectiva da busca do conhecimento", destaca.

As professoras que colaboram com a Rede Arte na Escola explicam como a parceria tem auxiliado no seu crescimento profissional, com reflexos positivos no aprendizado dos estudantes.

Maria Holner conta que deixou de "pensar em ensinar tecnicamente" e passou a "mediar recursos que ajudem o educando a enfrentar o mundo atual". Ela deixa uma sugestão para as colegas. "Precisamos ampliar as condições para que um maior número de alunos e professores possa participar dos grupos de estudo sem prejuízo do horário de aula", diz.

Maria de Fátima Basílio também tem uma sugestão para os Polos. "Seria interessante promover um evento destinado não apenas aos professores de arte, mas aos profissionais das diversas disciplinas. O objetivo seria discutir possíveis relações entre arte e outras áreas do conhecimento", recomenda. Em uma frase, ela sintetiza a contribuição do Arte na Escola em sua profissão de professora. "O grupo de estudos e os cursos promovidos pelo Programa Arte na Escola me ajudam a crescer".